

Almeida, M. A.; Silva Jr, N. Uma introdução à etnografia da comunidade BDSM brasileira In: Silva Jr, N.; Ambra, P. Anais II Colóquio internacional práticas e usos do corpo na modernidade, Psicologia /USP, ISBN: 978-85-86736-46-9, São Paulo, 2011.

http://www.mauricioamaraldealmeida.com.br/images/Data/UsosDoCorpo2011/usos_do_corpo_2011.pdf

Uma introdução à etnografia da comunidade BDSM brasileira

Maurício Amaral de Almeida
Programa de Mestrado do Centro Paula Souza
madealmeida@gmail.com

Nelson da Silva Júnior
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
nesj@terra.com.br

Resumo: Uma quantidade crescente de pessoas que não se encaixam nas definições patológicas de fetichistas têm apresentado preferência, ou obtém grande prazer, na associação do erotismo à atividades não convencionais. Em função do preconceito percebido por essas pessoas com relação aos seus desejos e suas preferências a maioria delas os mantêm em segredo.

Quando esses desejos encontram seu caminho e rompem as barreiras do medo e do preconceito alguns passam a procurar pares que se identifiquem com suas fantasias. Esta busca geralmente se inicia no mundo virtual para em seguida penetrar na mundo real. As diversas pessoas que viveram esse processo acabaram por formar uma comunidade que se identifica pela sigla BDSM , que é uma forma resumida de “Bondage e Disciplina, Dominação e submissão e Sadomasoquismo”.

Serão apresentados aqui aspectos obtidos em vários anos de

pesquisa etnográfica iniciando no mundo virtual e seguindo até as reuniões, festas e eventos fechados onde o uso do corpo constrói prazer através de rituais elaborados e práticas surpreendentes.

1. Introdução

O objetivo desse trabalho é mostrar como funciona a comunidade BDSM e fetichista do Brasil e particularmente de São Paulo. Para esse fim foi realizada uma pesquisa etnográfica participante, foram feitas entrevistas com membros ativos e reconhecidos da comunidade, muitas das quais podem ser vistas no trabalho de Almeida e Silva Júnior intitulado “Uma anatomia do BDSM no Brasil” (Almeida; Silva Júnior, 2010), foram visitados os clubes, as festas, alguns eventos públicos e uns poucos eventos privados aos quais conseguimos ter acesso. Os pesquisadores tiveram a oportunidade de conversar com inúmeros membros da comunidade com níveis diferentes de envolvimento. Também foram consultados os sites, as redes de relacionamentos e a literatura utilizada pela comunidade.

Observa-se que uma quantidade crescente de pessoas que não se encaixam nas definições patológicas de fetichistas, como as propostas por Freud (Freud, 2002) ou por Reich (Reich, 1995), têm apresentado preferência, ou obtêm grande prazer, na associação do erotismo à atividades não convencionais. Em função do preconceito percebido por essas pessoas com relação aos seus desejos e suas preferências a maioria delas os mantêm em segredo.

Quando esses desejos encontram seu caminho e rompem as barreiras do medo e do preconceito alguns passam a procurar pares com quem se identifiquem. Esta busca geralmente se inicia no mundo virtual para em seguida penetrar no mundo real. As diversas pessoas que viveram esse processo acabaram por formar uma comunidade que se identifica pela sigla BDSM que será explicada adiante, algumas vezes a comunidade usa também a expressão "Meio BDSM".

O termo fetiche foi apropriado pela comunidade com um sentido impreciso, mas certamente distante tanto do significado etimológico como do

patológico do termo. O sentido de fetiche utilizado pela comunidade pode envolver qualquer prática ou desejo relacionados, mesmo que vagamente, ao erotismo e que fuja do padrão estabelecido como normal de acordo com o senso comum.

O termo mais genérico utilizado para descrever os desejos BDSM, fetichistas ou simplesmente diferentes é o termo kinky, que descreve qualquer forma de sexo diversa da cópula heterossexual. O antônimo de Kinky é “baunilha” que é um termo concebido por complementação. Desta forma baunilha é toda prática ou indivíduo que não se identifica com o ser kinky.

Apesar de ser mais abrangente e mais amplamente utilizado em nível mundial o termo kinky ainda esta sendo assimilado no brasil especialmente a partir do ano de 2008 com a entrada da rede social FetLife (FetLife, 2008), até o momento os termos fetiche e BDSM são mais utilizados na prática.

2. Entrando no mundo kinky

Os primeiros contatos com o mundo dos fetiches pode ser fácil para uns ou bem complicado para outros dependendo dos valores, conceitos e da historia de vida de cada indivíduo, cada história é única, algumas pessoas tem seu primeiro contato através de um amigo ou por circularem em ambientes frequentados mais livremente pela comunidade. O caso mais comum, entretanto, envolve um caminho bastante desconfortável particularmente quando enfrentado de forma solitária.

De forma geral o encontro do indivíduo com este mundo segue um roteiro mais ou menos constante. A primeira fase é a identificação do desejo. A seguir são buscados, nem sempre de forma ordenada, recursos que permitem entender esse desejo e que viabilizem a sua realização. Encontrados os recursos geralmente passa-se a um período de contatos virtuais que muitas vezes se estendem por anos. Um dia o sujeito encontra a

coragem de partir para o primeiro contato real. Finalmente se houve identificação de fato com o que foi encontrado o indivíduo passa a ser um membro ativo da comunidade.

2.1. Identificação do desejo

Ao se entrevistar muitos entre os praticantes mais bem estabelecidos nos meios fetichistas e na comunidade BDSM verifica-se que vários deles apresentavam desejos ligados a formas incipientes de BDSM desde a infância ou início da adolescência

Seja alguém que sempre sentiu desejos eróticos diferentes dos preconizados pela cultura ou alguém que só identificou tais desejos já na idade adulta, em algum momento aquele que se envereda pelos caminhos do mundo kinky identifica que seus desejos, até então mantidos em segredo, são partilhados por outras pessoas e por isso podem ser vividos de alguma forma.

Essa descoberta pode levar, para muitos, toda uma vida o que não raro gera nos praticantes uma sensação de perda de tempo e o desejo de ter descoberto esse mundo antes. Uma das grandes dificuldades envolvidas com tal descoberta é que, até recentemente, as comunidades kinky eram muito escondidas e fugiam da vista da população em geral. Com o advento da internet e a popularização, mesmo que imprecisa, de conceitos relativos ao SM esse conhecimento começa lentamente a ficar disponível, mas ainda é cercada por muito preconceito e falta de informação.

Mas tanto no presente como no passado pessoas identificam esses desejos, seja ao ver uma imagem, ouvir uma historia, ter um sonho ou uma fantasia. Este fato inicial muitas vezes não é identificado em um primeiro momento e muitas vezes pode ficar guardado por muito tempo mas algumas vezes as peças se encaixam e o indivíduo passa a buscar mais conhecimento.

A dificuldade de se encontrar informação sobre o determinado fetiche é proporcional ao grau de abstração e a raridade do fetiche. Desta forma os que tem fetiches por formas de dominação, que são práticas exclusivamente comportamentais e envolvem emoções e ações muito abstratas tem muito mais dificuldade em encontrar informação sobre o seu fetiche que alguém com o fetiche pelo sado-masiquismo. Da mesma forma é muito mais fácil encontrar informação sobre o fetiche por pés ou por roupas de látex que o fetiche da dacrifilia.

Atualmente as informações sobre os fetiches em geral estão mais disponíveis que nunca e já começam a se conectar de tal forma que quando se encontra alguma referência ao que se busca outras informações ficam mais simples de serem localizadas.

A sigla BDSM rapidamente salta aos olhos por aparecer com muita frequência e ao se fazer uma busca no Google no Brasil por esse termo obtém-se uma enormidade de informações. Entre os cinco primeiros sites que apareceram na busca por BDSM (Google, 2010) quatro estavam em português, o primeiro é a referência da wikipedia, os outros três pertencem à membros conhecidos da comunidade BDSM brasileira.

Outra fonte rica de informações são as comunidades em redes de relacionamentos, lá é possível entrar em contato com praticantes reais, membros da comunidade BDSM. O ambiente das redes de relacionamento é fértil mas está também cheio de desinformação, de perfis falsos e informações incoerentes. Apesar disso as redes de relacionamento costumam estar entre as principais formas para os primeiros contatos.

É comum, nesta fase, que o indivíduo escolha um apelido, chamado na comunidade pela abreviação "nick", que será a sua identificação na comunidade. Neste período inicial de contato, ainda virtual, alguns conceitos e termos utilizados neste ambiente passam a fazer parte do repertório do indivíduo.

2.2. Conceitos essenciais

Os conceitos e jargões do meio fetichista são inúmeros e o objetivo deste trabalho não é a construção de um glossário BDSM, mas alguns termos são essenciais para o entendimento da dinâmica da comunidade e serão mencionados a seguir.

2.2.1. BDSM

O acrônimo BDSM, segundo Gloria Brame (FETLIFE,2010), surgiu entre 1987 e 1988 nos IRCs da CompuServe. Havia na época longos debates a respeito das siglas SM, D&S e B&D, na época foi sugerido em um outro chat o uso de uma condensação que seria BDDSSM. Até que, no final de 1989, a sigla já estava condensada na forma atual BDSM.

Desta forma DBSM significa:

BD = Bondage & Discipline, aprisionamento e disciplina;

D/s = Domination & submission, Dominação e submissão;

SM = Sadism & Masochism, Sadismo e masoquismo.

2.2.2. SSC

SSC é uma sigla que significa São, Seguro e Consensual (em inglês Safe, Sane, Consensual). Este é o tripé básico do mundo BDSM sem o qual nenhuma prática é considerada como fetiche. Desta forma toda prática precisa ter essas três componentes.

Neste contexto são aparece em oposição a patológico, significa que as pessoas envolvidas devem ser mentalmente sadias, conscientes de suas ações, ter a idade legal para consentir em práticas sexuais e as práticas em si devem ser de tal natureza que elas também não seja consideradas patológicas.

Seguro é uma indicação que os envolvidos conhecem as práticas e

tomaram todas as precauções para torna-las seguras. Neste sentido os participantes mais experientes frequentemente auxiliam os novatos oferecendo explicações, cursos e workshops. Novas práticas são estudadas muitas vezes por muito tempo antes de aplicadas e muitas vezes médicos, e outros profissionais da saúde, são convidados a opinar sobre as práticas.

Consensual é sem dúvida o elemento mais importante da tríade. A consensualidade é a garantia de que o que está sendo feito é da vontade de ambos. Nenhuma prática não consensual é aceita dentro da comunidade e a falta dessa consensualidade irá certamente causar a expulsão da comunidade. As formas de garantir a consensualidade entretanto varia muito dentro dos diversos segmentos da comunidade. Nas praticas grupais de SM a forma mais comum de garantir a consensualidade é a "safe word" que será apresentada à diante.

2.2.3. RACK

Após alguns anos o conceito do SSC passou a ser questionado com base em duas críticas principais.

A primeira crítica se dirige ao conceito de são. A sanidade ou o seu complemento, a ideia de patológico, é amplamente discutida nas psicologias sem que se chegue a um consenso, e todo critério que se crie para definir os limites do são seriam tão artificiais que não teriam valor nem seriam aceitos pela comunidade.

A segunda crítica é ao conceito de seguro. Chegou-se a conclusão que muitas práticas não são seguras em si, pode-se e deve-se tomar todas as precauções para minimizar o risco mas um certo risco é inerente a muitas das práticas BDSM.

A partir dessas conjecturas criou-se um novo acrônimo: RACK - Risk Aware Consensual Kink, que procura exprimir a escolha por fetiches com a consciência do risco envolvido e por isso mesmo tomando todas as

precauções para minimizar este risco.

Um aspecto que chama a atenção é a presença em ambos os acrônimos da consensualidade que se confirma como o valor mais caro à comunidade kinky.

2.2.4. Safe Word

A "safe word" ou simplesmente "safe" é uma palavra ou expressão que uma vez utilizada, encerra qualquer prática. Casais estabelecidos podem ter a sua safe própria, festas e clubes em geral tem suas próprias safes que devem ser utilizadas nesses ambientes.

O respeito pela safe é um dos princípios, junto com a consensualidade, que são mais caros entre os praticantes. Se alguém diz a safe e o outro não interrompe a prática imediatamente é consenso na comunidade que qualquer um pode interromper a prática, a força se for necessário. Entretanto não se conhece que isso tenha ocorrido no Brasil.

Alguns pares, em suas práticas privadas, podem "abrir mão da safe". Quando isso é feito na relação do casal é uma indicação de grande confiança e consensualidade. Nesses casos a safe é, em geral, substituída por outras formas comunicar sentimentos e impressões e pela intimidade e conhecimento um do outro. Entretanto independente da intimidade ou acordo de cada par o abrir mão da safe não é permitido em práticas grupais.

2.2.5. A liturgia

A comunidade BDSM brasileira se apropriou do termo liturgia em substituição ao termo "protocol" utilizado pela comunidade kinky anglófona, com o sentido de um conjunto de cerimônias, normas e formalidades utilizadas durante as práticas fetichistas.

2.2.6. A coleira

Os relacionamentos estáveis BDSM são chamados de "coleira". Nesta

relação os bottons utilizam coleiras, muitas vezes com as iniciais ou um símbolo de seu Top. Um Top pode possuir vários bottons encoleirados mas um botton só pode usar a coleira de um único Top de cada vez. A cerimônia de encoleiramento de um botton está entre os rituais mais bonitos do universo fetichista e esta relação é muito respeitada na comunidade. Considera-se falta grave uma investida de um Top sobre um botton encoleirado.

2.3. As grandes categorias

Além dos conceitos básicos é importante conhecer as principais categorias entorno das quais o mundo fetichista se organiza

2.3.1. Tops, bottons e Switchers

Um dos principais conceitos na comunidade fetichista que é muitas vezes desconhecido por praticantes iniciantes. Estas categorias caracterizam mais os indivíduos que próprio gênero ou a opção sexual.

Top's são, na maioria das vezes, a parte ativa da relação. Na categoria de Tops incluem-se sádicos, Dominadores, bondagistas e as Deusas e Rainhas da podolatria. O Top, entretanto, nem sempre é a parte ativa da relação, um exemplo dessa exceção é um Dominador que é servido por uma escrava, embora ela esteja nesse momento sendo ativa e ele passivo ele continua sendo Top e ela botton.

Os bottons são, semelhantemente, a parte passiva da relação. Na categoria de botton encontram-se os masoquistas, escravas, submissas, podólatras, pets entre outros.

Algumas pessoas tem prazer tanto na posição de Top como de botton, a esses dá-se o nome de Switchers, por serem capazes de trocar de posição. Embora haja exceções os switchers em geral separam seus momentos Top e bottom de forma muito clara e com parceiros diversos de tal

forma que seus parceiros bottoms não os vejam eles mesmos na posição de bottom.

2.3.2. B&D

O universo do B&D, Bondage and Discipline, está associado a todas as formas de aprisionamento e de punição. No B&D não se pratica o masoquismo espontâneo mas associado à ideia de punição. Da mesma forma o aprisionamento aparece como forma de fantasias referentes a ideia de punição.

No Brasil entretanto o fetiche mais abstrato que se refere à punição foi substituído pela prática do Bondage e o Shibary que se referem à amarração que pode ter função de aprisionamento mas também pode ter uma função sádica ou mesmo estar ligada a uma forma artística de exibicionismo.

2.3.3. SM

Como foi dito por Freud (Freud, 2002) e muitos depois dele o sado-masoquismo é o mais comum entre os fetiches e por isso mesmo é a parte mais visível do universo fetichista. O SM erótico se compõe de atividades de dar e receber prazer através do causar e sofrer a dor de forma consensual.

A dor pode ser causada pela prática conhecida por spanking, ou espancamento, que diferente do que o nome sugere é absolutamente consensual e disciplinada. Um sádico erótico tem de saber onde e como usar cada instrumento. As regras e instruções são inúmeras e muitos dos sádicos experientes passam por workshops para discutir e aprimorar suas técnicas. Além do spanking pratica-se SM com inúmeros outros métodos como o derramamento de cera de vela derretida sobre a pele e a inserção de agulhas na pele, para o que também existem técnicas específicas. O número de praticas do SM é enorme e não é do escopo desse trabalho mencionar todas.

2.3.4. D/s

O D/s é a forma mais intangível de fetiche e está intimamente associada às formas de poder. Os Dominadores obtêm prazer exercendo poder sobre as escravas ou submissas que por sua vez obtêm prazer em ser objeto deste poder.

Para exercer tal poder podem ser utilizadas práticas típicas de outras formas de fetiche como os espancamentos do SM ou as amarrações do B&D. Entretanto existem comportamentos que são típicos das relações D/s. Uma delas é o grafar os nomes dos Dominadores em iniciando em maiúsculas e os nomes das submissas todo em letras minúsculas.

Outras forma típica das relações D/s é a exigência do uso do pronome Senhor ou Senhora quando um botton se dirige a um Top. Também se observa práticas como o controle de atividades simples da vida diária do botton pelo Top tais como definir o que o botton irá vestir, o que irá comer, como irá se comportar em determinada situação ou se pode ou não ir a certos lugares.

2.3.5. Gor

O professor de filosofia Jonh Frederick Lange, do Queens College de Nova York, sob o pseudônimo de John Norman, a partir da década de 1960 (Norman, 1967), escreveu uma série de livros de ficção científica/fantástica que passou a ser conhecida como "As crônicas da Contra-Terra" ou "As crônicas de Gor" na qual se descreve um planeta onde a cultura teria se desenvolvido de tal forma que a Dominação masculina e a submissão feminina eram a norma.

Esta obra, que contém em seu núcleo, a visão de Lange sobre questões etológicas, antropológicas, sociológicas e filosóficas inspirou muitos fetichistas que se identificaram com a sua visão. Desta forma o Goreanismo vem se estabelecendo como uma forma específica de fetiche relacionado ao

D/s porém onde os Tops são sempre homens e os bottoms são sempre mulheres. O Goreanismo não se vê como parte do BDSM, mas como uma filosofia de vida kinky, uma vez que a filosofia e as práticas do Goreanismo não se limitam aos aspectos eróticos da vida mas envolvem escolhas éticas e epistemologias sobre as quais a comunidade fetichista não se debruça.

2.4. Fetich e relações exclusivas

As configurações das relações nas comunidades fetichistas muitas vezes se apresenta um tanto diferente das relações baunilhas. Não é incomum no mundo fetichista haverem relações poli-amorosas envolvendo inclusive opções sexuais diversas em um mesmo núcleo.

Tipicamente as relações envolvem um único Top mas podem envolver mais de um botton que podem ou não se relacionar entre si. Nesta configuração o conceito de fidelidade continua existindo porém com uma significação diferente. A fidelidade significa, neste contexto, a aderência a um contrato explicitamente descrito entre as partes que frequentemente permite que o Top tenha varias relações com a condição que os bottoms sejam informados delas.

3. A prática BDSM no dia a dia da comunidade

O membro da comunidade BDSM prossegue tendo uma vida normal na maioria dos aspectos, o que tipicamente o distingue são suas escolhas no terreno do lazer e dos relacionamentos.

As atividades associadas ao BDSM são as sessões, as cenas, a frequência aos clubes, às festas abertas ou fechadas e as “play parties”.

Chama-se sessão um encontro privado, na maioria das vezes entre um Top e um ou mais bottoms, em geral em um motel ou em algum outro ambiente privativo, com finalidade de se vivenciar práticas fetichistas com ou sem sexo.

As cenas são sessões publicas, com ou sem liturgia, e na maioria das vezes sem qualquer atividade sexual.

Clubes fetichista pode ser uma casa ou um bar que são prioritariamente dedicados ás praticas fetichistas.

As festas chamadas de abertas no meio fetichista são festas que acontecem em ambientes não dedicados exclusivamente para esse fim mas que, em determinado dia, abrigam tais eventos.

Alguns grupos promovem festas fechadas, isso é, festas nas quais só se é recebido com convite. Estas festas podem variar muito em formato uma vez que em geral abrigam grupos com fetiches mais específicos.

A comunidade fetichista passou a usar o termo munch para se referir a eventos onde os praticantes se encontram em ambientes públicos como bares e restaurantes, para conversar sobre seus fetiches sem incluírem a prática.

4. As práticas

A parte mais visível do mundo kinky são o que se chamam de práticas. As práticas são o que efetivamente se faz, elas podem ser o próprio fetiche ou a forma de satisfazer fetiches mais abstratos.

Entre as práticas mais populares na comunidade BDSM brasileira encontram-se os seguintes:

4.1. Bondage & Shibari

A prática do bondage inclui todas as formas de amarração, usando cordas, correntes, fitas, etc. O bondage tem um aspecto artístico e é um dos fetiches de práticas mais comuns. A versão oriental do bondage é chamada de shibari e tem nós e amarrações próprias e muito complexas.

4.2. Spanking e suas variantes

Spanking é o nome genérico de todas as práticas onde o Top bate no botton seja de mãos limpas ou usando chicotes diversos, palmatórias de madeira e de borracha, varas de materiais diversos, chibatas, relhos entre outras. É uma prática muito frequente e bastante disciplinada, cada instrumento utilizado tem seu modo de uso e os lugares do corpo onde podem ser aplicados.

4.3. Pet Play

O pet play é o nome genérico para um conjunto de práticas onde o botton se comporta como um animal. Os pet plays mais comuns são o Dog play, onde o botton se comporta como um cachorro, e o Kitty play, onde o botton se comporta como um gato. Uma modalidade muito importante na Europa e nos Estados Unidos que ainda não tomou corpo no Brasil é o Pony Play onde os bottons são usados e treinados como montaria.

4.4. Dress code

O dress code é o uso de fantasias ou roupas fetichistas, que podem incluir materiais como couro, vinil, PVC, látex, lycra, ou o uso de espartilhos. O dress code é um dos primeiros fetiches para muitas pessoas e algumas vezes pode ser associado a prática de D/s.

4.5. Podolatría

Um fetiche tipicamente isolado mas muito frequente é a podolatría, o fetiche pelos pés. É muito mais frequente em homens, as mulheres que tem o fetiche complementar, isso é, de ter os seus pés adorados são chamada de "rainhas" ou "deusas".

A podolatría pode ser estendida tando no objeto que pode ser transferido dos pés para sandálias ou botas, geralmente de salto alto, como no modo de pratica que pode variar desde comportamentos como beijar ou lambe os pés da rainha até o ser pisado, prática que tem o nome de

"trampling".

4.6. Outros fetiches

A criatividade humana não tem fim, e a cada dia novos fetiches são criados além de variantes dos antigos. O fetlife (FetLife, 2007) apresenta uma lista contendo 565 fetiches. A lista dos 100 fetiches mais comuns apresenta em primeiro lugar o Bondage com 100.963 associados e em centésimo o caning, um dos tipos de spanking, com 13.630 associados.

5. Considerações finais

O universo fetichista evoluiu muito durante o século XX, como amplamente discutido em (Bienvenu, 1998), e o fetichista do século XXI é profundamente diferente do fetichista estudado por Freud, Lacan ou Reich. Ele forma uma cultura com modos, linguagem e valores próprios enquanto vive fantasias presentes em toda a história da humanidade sendo assim um universo que demanda mais estudo e uma melhor compreensão.

Bibliografia

- (Almeida; Silva Júnior, 2010) Almeida, M. A.; Silva Júnior, N. **Uma anatomia do BDSM no Brasil** no prelo, 2010.
- (Bienvenu, 1998) Bienvenu, R. V. **The Development of Sadomasochism as a cultural style in the twentieth-century United States** Doctor of Philosophy Thesis, University of Indiana, Indianapolis 1998.
- (FetLife, 2007) FetLife <http://www.fetlife.com>, consultado em 10/06/2010.
- (FetLife,2009) FetLife Adds <http://fetlife.com/ads>, consultado em 16/06/2010.
- (Fetlife, 2010) Fetlife Tópico: **BDSM acronym origin** http://fetlife.com/groups/1809/group_posts/141299 na comunidade A DOCUMENTED HISTORY OF THE LIFESTYLE 1945-95 consultado em 14/06/2010.
- (Freud, 2002) Freud, S **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, Tradução de Paulo Dias Corrêa - Imago, Rio de Janeiro, 2002.
- (Reich, 1995) Reich, W. **Análise do Caráter** Martins Fontes, São Paulo, 1995.